

a caixa de orações

lisa wingate

Tradução de Susana Clara

*Para os dois rapazes adoráveis
que se tornaram homens incríveis:
se pudesse, ficaria parada ao pé das vossas pequenas camas
e beijar-vos-ia as testas outra vez.
Mas como nesta altura isso seria estranho,
contento-me em deixar-vos um beijo neste papel,
com apenas palavras.
Onde quer que as correntes vos levem,
a mãe ama-vos até ao fim do oceano e de volta.*

AGRADECIMENTOS

Se este livro fosse um navio, teria uma tripulação muito diversificada. Se faz parte dessa tripulação, quero agradecer-lhe do fundo do coração, para o caso de me esquecer de o mencionar aqui. São tantas as pessoas que se dedicam a fazer um livro antes que este seja um livro. Em primeiro lugar, ao meu querido amigo Ed Stevens, muito obrigada por me sugerires que o Outer Banks seria um excelente cenário para um romance, e por me enviarestes fotografias e informação até eu não conseguir resistir a fazê-lo. Obrigada também a Shannon e Wick por terem disponibilizado a vossa fantástica casa no Outer Banks para a nossa equipa de investigação durante a fase de desenvolvimento. Que presente tão maravilhoso. Toda a gente deveria ter a oportunidade de passear pelas costas do Outer Banks durante dias a fio.

Muito obrigada à minha equipa de investigação, Sharon Mannion e Teresa Loman. Não há nada melhor do que ter as pessoas certas para percorrer a cidade e passear na praia. Mais de cinco mil fotografias e uma caixa gigante de conchas contam a história. Que viagem aquela! Para a minha incrível tia Sandy, o que é que posso dizer que abranja completamente o que fizeste por este livro? Sem ti, não haveria a Loja de Conchas da Sandy. Muito obrigada por teres emprestado o teu tempo e o teu talento, assim como o teu nome. A todos os habitantes locais que nos ajudaram durante o tempo em que estivemos no Outer Banks — toda a gente, desde os donos das lojas aos membros do serviço de parques —, temos uma enorme dívida de gratidão

para convosco e um enorme abraço para vos dar na próxima vez que vos visitarmos. Obrigada por responderem a todas as nossas perguntas e por nos receberem com a simpatia pela qual o Outer Banks é conhecido. Nunca conheci pessoas tão simpáticas.

A minha gratidão vai, como sempre, para a minha equipa de leitura beta. Tia Sandy, nós perdoamos-te por nos deixares o coração apertado e nos pregares um susto de morte quando leste a última cena do livro. Tiraste-me um ano de vida, mas criaste um momento inesquecível... e uma pequena inspiração para a novela *The Sea Glass Sisters*. É fantástico como as coisas acabam por resultar.

Para a minha querida família, vocês são uma bênção para mim. Muito obrigada pela ajuda e pelo encorajamento que sempre me dão nestes empreendimentos literários. O vosso amor é a corrente por baixo do barco. Sem vocês, vaguearia pelo mundo, perdida de facto.

Se o amor da família é a corrente por baixo do trabalho de um autor, os membros da equipa editorial são os armadores, que trepam aos mastros, desfraldam as velas e espalham piche sobre todos os rombos. Este trabalho foi abençoado por uma equipa incrivelmente dedicada, experiente e trabalhadora. A todos no grupo Ron Beers, que não só trataram tão bem deste projeto como também me encorajaram pessoalmente, não tenho palavras para expressar o que significa ter pessoas a juntarem-se a nós e a trabalharem imenso de imediato. Maggie Rowe, abençoado seja o teu doce coração por nos abrires a tua linda casa para as sessões de fotografia e de vídeo. Uma imensa gratidão vai também para Karen Watson, Jan Stob, Sarah Mason, Shaina Turner e Babette Rea por acreditarem tão profundamente neste projeto, pelas horas que lhe dedicaram, e por serem simplesmente pessoas incríveis com quem se trabalhar. Nunca duvidei de que eram as pessoas certas com quem navegar nesta viagem.

Para a equipa de *design* e para as equipas de vendas e *marketing* da Tyndale, que levam os livros às mãos dos leitores, vocês são o máximo. Muito obrigada por conduzirem *A Caixa de Orações*, de forma tão gentil e entusiástica, a paragens distantes. À minha agente, Claudia Cross, da Folio Literary Management, obrigada por partilhares o convés comigo e por ajudares a tripular este navio durante todos estes anos e viagens.

Por fim, aos amigos leitores, bibliotecários e camaradas livreiros, de longe e de perto, incluindo as fantásticas senhoras da McGregor Tierra Literary Society que leram o livro antecipadamente para uma estreia em vídeo do clube de leitura, não tenho sequer palavras para descrever o quanto significam

para mim. O vosso encorajamento não tem preço. Sem aqueles que leem carinhosamente, recomendam e partilham estas histórias, os meus navios partiriam para mundos desabitados e encalhariam nas praias. Não que ficar estendido numa praia seja desagradável, mas é muito melhor quando os nossos amigos também estão lá. Muito obrigada por enterrarem comigo os vossos dedos dos pés na areia por esta história e muitas outras ao longo dos anos.

Além, abaixo e acima de todas as outras palavras de agradecimento para aqueles que zarparam neste navio comigo, vêm algumas últimas palavras que são as mais importantes de todas. Muito obrigada ao Dono do oceano. É de facto o deus dos ventos e das correntes. Obrigada pelo vento nas minhas velas e pelas correntes que me transportaram para uma outra história.

CAPÍTULO 1

Quando surge um problema, a minha mente recorre sempre a um dia perfeito em Rodanthe. A recordação cai sobre mim como uma manta, uma colcha gasta de areia e céu, as fibras suavizadas pelo tempo. Enrolo-a à minha volta, imagino a casa na costa, a sua estrutura exposta ao vento e ao sol, as telhas de madeira soltas, a deslizarem para o chão de vez em quando, como as escamas de uma criatura marinha mítica que deu à costa. No topo, uma portada à prova de furacões pende de um prego, a balançar para trás e para diante ao sabor da brisa, protegendo uma janela intacta no segundo andar. As gaivotas vão e vêm, pousando nas vigas salpicadas de sal — os necrófagos vêm debicar a carcaça que foi deixada pela tempestade.

Anos mais tarde, depois de a casa ter sido reformada, uma produtora gravou ali um filme. Uma história de amor.

Mas para mim, a história daquela casa, em Rodanthe, será sempre a história de um dia passado com o meu avô. Um dia em segurança.

Quando semicerro os olhos e contemplo o reflexo da luz do Sol na água, ainda o consigo ver. É uma sombra, curvado no seu macacão e velha camisa de xadrez com botões de mola. Os saltos das suas botas de trabalho gastas pairam no ar enquanto ele se equilibra nas vigas do segundo andar para avaliar os estragos. A calcular tudo o que vai ser preciso para reparar a casa para os seus proprietários.

Está à procura de algo no seu cinto. Daqui a um minuto, vai chamar por

mim e pedir-me aquilo que não consegue encontrar. *Tandi, traz-me aquela fita métrica azul*, ou *Tandi Jo, preciso daquele nível verde, que está na carrinha...* Vou buscar os objetos à caixa de ferramentas e corro escada acima, uma menina de cabelos castanhos ansiosa para agradar, à espera de que me conte um pouco de uma história enquanto estou lá em cima. Ali, no local onde foi criado, ele sabe muitas. O meu avô quer que eu conheça estas ilhas do Outer Banks, e eu anseio por conhecê-las. Cada centímetro. Cada história. Cada pedaço da família da qual a minha mãe dependeu e com a qual travou uma guerra.

Apesar da destruição deixada pela tempestade, este lugar é paradisíaco. Aqui, o meu pai fala, a minha mãe canta, e tudo está tranquilo, para variar. Dia após dia, durante semanas. Aqui, estamos todos juntos num decadente parque de caravanas dos anos 60 enquanto o meu pai se dedica aos trabalhos de construção que o meu avô lhe arranjou. Não há ninguém a bater com as portas ou a sair por elas disparado. Este lugar é mágico — eu sei-o.

Naquele dia, depois de termos avaliado a casa na costa, fomos até Rodanthe, a mão do avô áspera contra a minha, os seus dedos nodosos prometendo que tudo o que estava estragado podia ser arranjado. Passámos por casas que estavam a ser reparadas, por pilhas de mobília e entulho encharcados, pela velha estação de salvamento Chicamacomico, onde o Exército de Salvação estava a distribuir refeições quentes no parque de estacionamento.

Diante de uma loja entaipada na vila, um guitarrista sem camisa e com longos cabelos loiros encaracolados piscou-me o olho e sorriu para mim. Com doze anos, afastei o olhar e corei, depois arrisquei olhar outra vez, um novo e peculiar tipo de eletricidade a percorrer-me o corpo. Dedilhando a sua guitarra, batia com o pé calçado com um ténis esfarrapado numa prancha de *surf*, recitando as palavras mais do que a cantá-las.

*Toquem os sinos ousados e fortes
Deixem que se juntem à sua canção os fracotes
Está escuro dentro das conchas perfeitas
A luz entra, através das frestas estreitas...*

Tinha-me esquecido destes versos do guitarrista, até agora.

A recordação deles, da mão forte do meu avô a segurar a minha, envolveu-me quando cheguei ao alpendre da casa de Iola Anne Poole. Foi a minha primeira indicação consciente, uma inegável sensação de que algo dentro da casa estava muito mal.

Empurrei a porta cautelosamente, deixando entrar uma réstia de luz matinal e um sopro da brisa da Pamlico Sound. A entrada era velha, alta, as paredes brancas com pesadas guarnições douradas em torno dos painéis retangulares. Uma brisa fresca percorreu as sombras com pezinhos de lã, demasiado ligeira para dissipar o cheiro a bolor da casa. O cheiro de um lugar esquecido. O instinto disse-me o que iria encontrar lá dentro. Não se esquece a sensação de entrar por uma porta e compreender, de uma forma inexplicável, que a morte tinha entrado antes de nós.

Hesitei no patamar, as opções a correrem pela minha mente e depois a darem lugar a uma espécie de frenesim. *Fecha a porta. Chama a polícia ou... alguém. Deixa que outra pessoa se encarregue disto. Não devias ter tocado na maçaneta — agora vão estar lá as tuas impressões digitais. E se a polícia pensar que lhe fizeste alguma coisa? Pessoas inocentes são acusadas a toda a hora, principalmente quando são estranhas numa cidade. Estranhas como tu, que aparecem do nada e tentam integrar-se...*

E se as pessoas pensassem que estava atrás do dinheiro da velha senhora, ou a tentar roubar-lhe os objetos de valor ou a tentar encontrar um monte de dinheiro escondido? E se alguém tivesse *mesmo* entrado para roubar a casa? Acontecia, mesmo em sítios idílicos como a ilha de Hatteras. Enormes casas de férias estavam vazias, e os rapazes locais com maus hábitos procuravam uma fonte de rendimento fácil. E se um ladrão tivesse entrado na casa a pensar que estava desocupada, e depois tivesse percebido demasiado tarde que não estava? Neste momento podia estar a comprometer as provas.

Tandi Jo, juro que por vezes te para o cérebro. A voz dentro da minha cabeça soava como a da minha tia Marney — ríspida, irritada, carregada com o sotaque texano da família do meu pai, impaciente com os arroubos de fantasia, especialmente os meus.

— Sra. Poole? — Inclinei-me para a abertura, tentando ver melhor sem tocar em mais nada. — Iola Anne Poole? Está aí? É a Tandí Reese. Do chalé alugado aqui em frente... Está a ouvir-me?

Silêncio, outra vez.

Um redemoinho passou pelo alpendre, varrendo as agulhas de pinheiro do ano passado e as folhas de carvalho secas. Fios de cabelo rodopiavam sobre os meus olhos, e os meus pensamentos emaranhados neles, o meu reflexo derretia-se nas ondas do vidro com chumbo das janelas — cabelo castanho esvoaçante, olhos azuis nervosos, lábios ligeiramente abertos, incertos.

E agora? Como raio é que eu ia explicar às pessoas que demorara dias a perceber que não havia luzes a acenderem e a apagarem na grande casa

vitoriana de Iola Poole, nem nenhum aparelho de ar condicionado a trabalhar durante a noite quando o frio da primavera se aproximava? Eu vivia a menos de quarenta metros. Como é que era possível que não tivesse reparado?

Talvez ela estivesse a dormir — uma sesta durante a manhã — e, ao entrar, pregar-lhe-ia um susto de morte. Pelo que já tinha percebido, a minha nova senhoria era uma pessoa reservada. Além das entregas das compras e das carrinhas da UPS e da FedEx a chegarem com encomendas, os únicos sinais de Iola Poole eram as luzes e os aparelhos de ar condicionado a ligarem e a desligarem à medida que ela ia de uma divisão para outra em diferentes alturas do dia. Só a vira uma ou duas vezes desde que eu e os miúdos tínhamos chegado à vila, sem combustível e sem ter outro sítio para onde ir. Chegámos à última faixa de terra antes de entrarmos no oceano Atlântico, que era o sítio mais distante de Dallas, do Texas, e de Trammel Clarke. Foi só quando atravessávamos a fronteira com a Carolina do Norte que me apercebi para onde ia e porquê. Estava à procura de um lugar para me esconder.

Ao fim de quatro dias em Hatteras, sabia que não iríamos passar despercebidos muito mais tempo a dormir num acampamento dentro do carro. As pessoas numa ilha reparam nas coisas. Quando uma agente imobiliária me propôs um arrendamento de estação baixa em conta, pensei que estava destinado. Mais do que tudo, precisávamos de uma boa casa.

Considerando que já estávamos em abril, e que se tinham passado seis semanas desde que nos havíamos mudado para o chalé, e que a renda estava duas semanas atrasada, a última pessoa que queria contactar por causa de Iola era a agente imobiliária que nos levara ali, Alice Faye Tucker.

Tocando na porta, chamei novamente para o interior da casa.

— Iola Poole? Sra. Poole? Está em casa?

Outra rajada de vento dançou ao longo do alpendre, arrastando galhos de murta secos contra as balaustradas rendilhadas que pareciam estar seguras por videiras de jasmim-estrela e tinta seca em vez de pregos. A porta abriu-se sozinha. O medo passou por cima dos meus ombros, fazendo-me cócegas como o rasto de uma unha.

— Vou entrar, está bem? — Talvez a sensação de morte não fosse nada mais do que imaginação minha. Talvez a pobre mulher tivesse caído e estivesse presa num lugar apertado de onde não conseguia sair. Eu podia ajudá-la a levantar-se e levar-lhe um pouco de água ou de comida ou qualquer outra coisa, e não haveria necessidade de chamar o 112. De qualquer forma, os primeiros socorros demorariam a chegar. Aqui não havia força policial. Fairhope pouco mais tinha do que um mercado de peixe, uma marina pequena, uma

loja, algumas dúzias de casas e uma igreja. Aninhada entre os carvalhos ao longo de Mosey Creek, era o tipo de lugar que parecia não arranjar desculpas para si mesmo, um pequeno burgo miserável onde os pescadores ancoravam os seus barcos desgastados pelas tempestades e criavam famílias em casas desbotadas pelo sal. Os primeiros socorros teriam de vir de algum sítio maior, talvez Buxton ou Hatteras Village.

A melhor coisa que podia fazer por Iola Anne Poole, e por mim, era entrar na casa, descobrir o que acontecera e tentar perceber se havia alguma forma de o manter em segredo.

A porta abriu-se apenas o suficiente para eu passar. Deslizei por ela, sem tocar em nada, e deixei-a aberta. Se tivesse de sair dali a correr, não queria ter qualquer obstáculo entre mim e o alpendre.

Pelo canto do olho vi que algo se mexia à medida que eu percorria o corredor. Dei um salto, depois percebi que estava a passar por um conjunto de fotografias envelhecidas, o meu reflexo derretendo-se como um fantasma sobre o vidro embaçado. Em tons sépia, as imagens olhavam para mim — um soldado fardado com a inscrição *Avery 1917* gravada numa placa de bronze. Uma menina com o cabelo encaracolado montada num pónei branco.

Um grupo de pessoas posava debaixo de um carvalho, as mulheres usando chapéus de sol grandes como aquele que a Kate Winslet tinha no *Titanic*. Uma fotografia de um casamento dos anos trinta ou quarenta, o feliz casal ao centro, rodeado por algumas dúzias de adultos e duas filas de crianças sentadas com as pernas cruzadas. Seria Iola a noiva na fotografia? Em determinada altura, teria vivido naquela casa uma família numerosa? O que é que lhes acontecera? Pelo que sabia, Iola Poole agora não tinha família, pelo menos ninguém a visitava.

— Olá... Olá? Está alguém aí em cima?

Olhei na direção da graciosa curva da longa escada. As sombras esbatiam-se, ricas e espessas, sobre a madeira escura, dando à escada uma aparência de mau presságio que me fez virar à direita, atravessar um arco largo e entrar numa sala grande. Seria soalheira se não fossem as pesadas cortinas de brocado. O piano de cauda e um conjunto de cadeiras e canapés antigos pareciam ter sido tirados de um folheto turístico ou de um livro de História. Por cima da lareira, estava pendurada uma moldura oval ornamentada com um retrato a óleo de uma mulher jovem num vestido de cetim cor de pêssego. Ela estava sentada ao piano, numa pose que parecia desconfortável. Talvez esta fosse a menina montada no pónei que estava na fotografia do corredor, mas não tinha a certeza.

As sombras pareciam seguir-me enquanto saía da sala apressadamente. Quanto mais adentrava na casa, menos o lugar se parecia com a área ampla ao pé da escada. As divisões interiores estavam atulhadas com o que pareciam ser pertences de várias vidas, a maioria parecendo estar empilhada no mesmo sítio há anos, como se alguém tivesse começado a fazer limpezas de primavera várias vezes, e depois parasse abruptamente. Na cozinha, os pratos estavam lavados e arrumados num escriptorio, mas as extremidades da divisão encontravam-se cheias de comida armazenada, muita dela arrumada em grandes caixas de plástico. Eu estava espantada, a admirar pela porta da despensa, aberta, uma cascata de vegetais enlatados em completa desordem.

Um arrepio de apreensão fez-me cócegas nos braços enquanto eu passava revista ao resto do piso térreo. Talvez, no final de contas, a Iola não estivesse aqui. O quarto do piso inferior, com o aparelho de ar condicionado, estava vazio, a cama de solteiro estava feita. Talvez tivesse ido para algum lugar há uns dias ou tivesse dado entrada num lar, e neste momento eu estivesse realmente a invadir uma casa vazia. A Alice Faye Tucker mencionara que a Iola tinha noventa e um anos. Provavelmente já nem conseguia subir a escada para o primeiro piso.

Eu não queria ir lá acima, mas dirigi-me ao primeiro andar com um passo relutante, parando no patamar para a chamar novamente, uma, duas vezes. Os velhos balaústres e degraus rangeram e gemeram, fazendo barulho suficiente para acordar um morto, mas ninguém se mexeu.

No andar de cima, o corredor cheirava a papel de parede a secar, mofo, tecido antigo, danos causados pela água, e ao tipo de quietude que dizia que os quartos não eram habitados há muitos anos. As mesas e as luminárias dos painéis de madeira no corredor estavam cinzentas por causa da poeira, assim como os móveis dos cinco quartos, as duas casas de banho, uma sala de costura com um tear ao centro e um quarto de criança com mobília branca e um berço de ferro.

Manchas de água com formato estranho pontilhavam os tetos, um estrago relativamente recente que fizera com que o gesso curvasse e rachasse, mas que só agora começasse a cair. Uma variedade de baldes estava espalhada, aqui e ali, no quarto de criança; restos de água suja e gesso secavam até se transformarem numa pasta dentro deles. Não havia dúvida de que, durante o último furacão do outono, algumas telhas tinham sido arrancadas do telhado. Era uma pena deixar apodrecer assim uma bela casa antiga. O meu avô teria odiado. Quando vistoriava casas históricas para a companhia de seguros, estava sempre empenhado em salvá-las.

Uma tênue marca de água traçava uma linha ao longo do teto do corredor até uma pequena área de estar rodeada por estantes. A porta do lado oposto, a última no fim do corredor, estava fechada, um pequeno feixe de luz refletindo-se no pavimento de madeira por baixo dela. Alguém passara ali recentemente, abrindo um rasto na camada lodosa de poeira no chão.

— Sra. Poole? Não queria assustá...

Um farfalhar nas cortinas de veludo desbotado ao pé das estantes fez-me saltar, a respiração sustida à medida que me aproximava.

Uma mancha negra saiu disparada de trás da cortina e fugiu. Um gato. A Sra. Poole tinha um gato. Provavelmente, era o gato selvagem, com apenas uma orelha, que J.T. estava a tentar atrair para a nossa varanda com tigelas de leite. Disse-lhe para desistir — não tínhamos dinheiro para o leite — mas um menino de nove anos não conseguia resistir a um gato vadio. Ross oferecera-se para trazer uma armadilha para apanhar o gato. Ainda bem que lhe disse para não se preocupar com isso. Deixar que o novo namorado roube o gato da senhoria é uma boa forma de ser posta na rua, principalmente quando a renda está atrasada.

Quando toquei no puxador de vidro, senti-o frio contra os meus dedos, as facetas surpreendentemente afiadas.

— Vou entrar... está bem? — Cada músculo do meu corpo enrijeceu, preparado para lutar ou para fugir. — Sou só eu, Tandí Reese... do chalé. Espero não a ter assustado, mas estava preo... — O resto da palavra *preocupada* nunca saiu dos meus lábios. Girei a maçaneta. O trinco estalou e a pesada porta de madeira abriu-se com tanta força que parecia que alguém a tinha puxado do outro lado. A maçaneta bateu na parede, fazendo vibrar o chão por baixo dos meus pés. Atrás de mim, o gato assanhou-se, depois fugiu escada abaixo.

As molduras dentro do quarto estremeceram nas paredes azul-claras, lançando orbes de luz sobre os móveis. Para lá da saliência criada pelo recanto no corredor, os pés de uma cama ornamentada atraíram a minha atenção enquanto as molduras trémulas assentavam e a luz parava de dançar. Ao lado da cama, uma colcha azul bem dobrada roçava no chão, e um par de sapatos — do tipo confortável, com sola de borracha, que a Zoey, com o seu sentido de moda próprio de quem tem catorze anos apelidava de *sapatos de avó* — estava enfiado debaixo da batinha de um tapete persa desbotado, os calcanhares e as biqueiras perfeitamente alinhados.

Os pés que pertenciam àqueles sapatos não tinham ido longe. Cobertos por meias pretas finas, descansavam em cima da cama perto do fundo da

mesma, os dedos dobrados e tortos apontando para fora, numa posição que parecia natural para alguém que estava a dormir uma sesta a meio do dia.

Mas os pés não se mexeram, apesar da explosão da porta a bater na parede. Senti o sabor amargo da minha última refeição. Ninguém conseguiria dormir com aquele barulho.

Quando entrei, o quarto estava em absoluto silêncio, os meus passos soavam alto, deslocados. Não tornei a falar nem a chamar nem a dizer o nome dela para a avisar de que ia entrar. Sem sequer ver o rosto dela, soube que não era preciso.

Cenas horríveis dos filmes de terror preferidos de Zoey passaram pela minha mente, mas quando contornei a esquina, obriguei-me a olhar na direção dela. Iola Anne Poole parecia estar tranquila, como se tivesse acabado de parar para fazer uma pequena sesta e esquecido de acordar. Estava deitada de costas em cima da cama, um vestido de algodão estampado — branco com pequenos cestos de flores azuis — caindo ao longo das suas pernas compridas e magras e que parecia fundir-se numa colcha com um estampado de argolas, costurada com todos os tons do céu e do mar. Os seus braços coriáceos e enrugados estavam cuidadosamente dobrados sobre o estômago, os dedos nodosos entrelaçados, numa postura que transmitia satisfação e confiança. Preparada. O tom acinzentado da sua pele disse-me que se lhe tocasse, estaria fria.

Não o fiz. Em vez disso, virei-me e coloquei uma mão sobre a boca e o nariz. Por muito que parecesse que alguém havia posicionado o corpo para lhe dar uma aparência tranquila, não havia sinais da presença de outra pessoa no quarto. Os únicos rastros no chão empoeirado iam da porta até à cama, da cama até um armário aninhado atrás do recanto do corredor, e dos pés da cama até uma pequena secretária ao pé da janela. O que quer que ela fizesse ali, não o fazia com regularidade. Qual era o encanto deste quarto de torreão ao fundo do corredor do andar de cima, com as suas paredes com painéis dourados pintadas em tons de creme e azul leitoso desbotados? Ela saberia que se estavam a aproximar as suas últimas horas? Era aqui que ela queria morrer? Onde queria ser encontrada?

Eu poderia ter ajudado se tivesse ido à procura dela mais cedo?

As dúvidas conduziram-me para fora do quarto, para o corredor, ofegante. Não queria pensar há quanto tempo é que ela estava ali ou se ela sabia que a morte se aproximava, se estava com medo quando aconteceu ou se estava completamente tranquila.

Na verdade, não queria ter mais nada que ver com a situação. Mas uma

hora mais tarde, estava de volta à casa, a observar dois delegados do xerife a entrarem no quarto azul. O delegado que vinha atrás estava mais interessado em dar uma olhadela pelo interior da casa do que no facto de uma mulher ter morrido. Por alguma razão, parecera-me errado deixá-los sozinhos com o corpo dela. Senti-me responsável por assegurar que eles tratavam com respeito o que restava dela.

Esperei à entrada do quarto, deixando que a parede escondesse tudo, menos a visão dos seus pés cobertos pelas meias, enquanto os homens estavam parados ao pé da cama. Já me tinham feito pelo menos uma dúzia de perguntas que eu não consegui responder: «Há quanto tempo pensava eu que ela estava morta?» «Quando fora a última vez que eu falara com ela?» «Eu sabia se ela estava doente?»

Tudo o que lhes consegui dizer foi que eu vivia no chalé em frente. Usei o termo *arrendar* para que soasse melhor. O delegado responsável era um homem magro e prático, com um acordeão de rugas permanente em redor da boca. De uma forma ou de outra, não parecia importar-se muito. Olhou para o relógio várias vezes como se tivesse de ir a algum lado.

— Bem — disse ele por fim, o chão rangendo por baixo do seu peso, de uma maneira que me disse que se estava a inclinar para perto do rosto dela —, a mim parece-me ter sido de causas naturais.

O homem mais jovem respondeu com uma risada sarcástica.

— Caramba, Jim, ela devia ter perto de cem anos. Lembro-me de quando o meu avô se reformou, a minha mãe queria comprar flores para o altar da igreja, para que o nome dele constasse do boletim, mas não pôde. O pastor já tinha encomendado as flores para aquela semana, para o aniversário da Iola Poole. Nessa altura, ela fazia oitenta, e na época eu estava no secundário. Deixe que lhe diga que a minha mãe ficou em brasa. O meu avô fora diácono da Fairhope Fellowship durante quarenta anos, e a minha mãe não ia deixar que ele partilhasse as flores do altar com alguém como a Iola Anne Poole. A nossa família ajudara a mudar para aqui aquela velha capela para começar uma igreja. A Iola estava lá apenas para tocar o órgão, e, além disso, era paga para o fazer. Não era como se fosse mesmo um membro da comunidade. A minha mãe achava que, se a Iola queria flores no altar para o aniversário dela, podia pô-las numa igreja em Nova Orleães, que era de onde vinha a família dela.

O delegado Jim estalou a língua contra os dentes.

— Mulheres.

O seu parceiro riu-se outra vez.

— Você não está aqui há tempo suficiente para saber como é que são as coisas. Em Boston, este tipo de coisas pode não ter importância, mas em Fairhope são muito importantes. Acredite em mim, se tivessem conseguido encontrar qualquer pessoa — e quero dizer *qualquer um* — que soubesse tocar aquele velho órgão, tê-lo-iam feito. Isso é parte do motivo pelo qual a minha mãe insistiu na contratação daquele novo diretor da banda do liceu em Buxton há uns anos; ele disse que sabia tocar órgão. Eu nunca tinha visto as senhoras da igreja tão felizes como na semana em que o novo diretor da banda passou a tocar nas missas de domingo e eles mandaram a Iola Poole embora.

— Está bem, Selmer, é melhor chamarmos as pessoas certas para poderemos despachar isto. — O delegado Jim pôs fim à conversa. — Parece bastante evidente. Ela tem alguma família a quem devamos telefonar?

— Ninguém que eu saiba como encontrar. E, a propósito, isso também é um ninho de vespas que não vai querer agitar, Jim.

— Sem parente próximo... — O homem mais velho proferiu as palavras, provavelmente escrevendo-as ao mesmo tempo.

A tristeza deslizou sobre mim como um pesado cobertor de lã, tornando o ar demasiado viciado e pesado. Fiquei parada a olhar através do quarto azul para as altas janelas de sacada do torreão. Lá fora, um pombo esvoaçava ao longo do corrimão da varanda. Perguntei a mim mesma o que é que a Iola Poole fizera para acabar daquela forma, sozinha nesta casa enorme, deitada na cama com o seu vestido às flores, morta sabe-se lá há quanto tempo, e ninguém se importar? Ela teria percebido que era assim que as coisas acabariam? Teria sido isto que imaginara quando se deitou na cama, fechou os olhos e deixou que a vida a abandonasse?

O pombo voou até ao parapeito da janela, depois saltitou de um lado para o outro, a sua sombra deslizando sobre o tampo de mármore cinzento da escrivaninha. Uma caixa de sapatos amarelada da *Thom McAn* estava à beira da mesa, a tampa entreaberta, um entrançado dourado a sair pelo canto. No parapeito, estavam espalhados meia dúzia de pedaços de fita. Quando a sombra do pombo passou outra vez, reparei em algo mais. Pequenas manchas douradas brilhavam na poeira do parapeito. Queria atravessar o quarto para ver, mas não tive tempo. Os delegados estavam a encaminhar-se para a porta.

Agarrei os meus braços com força e segui os homens escada abaixo até ao alpendre. Foi só quando chegámos à estrada de acesso que olhei para o chalé e o meu estômago começou às voltas por um motivo diferente. Com a Iola morta, seria apenas uma questão de tempo até a Alice Faye Tucker nos

vir despejar. Eu tinha menos de cinquenta dólares, e eram da última coisa que encontrara para penhorar — um relógio de prata que o Trammel me oferecera. O relógio só estava na minha mala de viagem por acaso — deixado ali depois de uma viagem a um evento equestre algures, sem dúvida em tempos melhores. Se o Trammel soubesse que ainda o tinha, ter-mo-ia tirado, assim como tudo o mais de valor. Ele certificava-se de que eu nunca tinha acesso a dinheiro suficiente para me vir embora.

O que é que eu e os miúdos íamos fazer agora?

A pergunta ganhava peso e forma à medida que a tarde passava. A carrinha do médico-legista acabara de partir quando a Zoey e o J.T. chegaram a casa da escola. Nem sequer lhes disse que a nossa nova senhoria tinha morrido. Iriam descobrir em breve. Com nove anos, o J.T. não faria associações, mas com catorze anos que parecem quase trinta, a Zoey perceberia que a perda do chalé era uma catástrofe para nós. Assim que ressurgíssemos — um pagamento com o cartão de crédito num motel, uma candidatura a um emprego com os dados atualizados, uma ida ao banco para levantar dinheiro —, Trammel Clarke encontrar-nos-ia.

Fui para a cama à meia-noite e meia, cansada e sem energia, tomada por um sentimento de culpa por não ter sido sincera com os miúdos, embora isso não fosse novidade. Lá fora, a água brincava com as margens dos caniçais, e uma Lua de Hatteras em lenta ascensão trepou ao telhado da casa de Iola, pairando por cima do torreão como uma bola de um gelado de baunilha num cone de pernas para o ar.

Como é que alguém que possuía uma propriedade destas acabava sozinha no seu quarto, partindo deste mundo sem ter a seu lado uma alma que a chorasse?

A imagem de Iola enquanto jovem escarnecia dos meus pensamentos. Imaginei-a a caminhar pela varanda no seu vestido branco leitoso. As sombras da Lua moveram-se e dançaram por entre os carvalhos e os pinheiros, e eu senti que a velha casa me chamava, sussurrando os segredos da longa e misteriosa vida de Iola Anne Poole.

CAPÍTULO 2

É impressionante como uma semana pode ser infindável quando pensamos se estamos prestes a ir viver para o nosso carro. Há dias que a casa de Iola Poole estava silenciosa — não havia sinal de Alice Faye Tucker, dos delegados do xerife ou de qualquer membro da família ou amigos. Fui duas vezes ao Bink's Village Market na enseada de Fairhope e procurei o anúncio do funeral entre os papéis colados na frente do balcão, mas não vi o de Iola.

Era como se ela nunca tivesse existido, mas eu encontrara-a no quarto azul, e isso queria dizer que, mais cedo ou mais tarde, o nosso tempo no chalé terminaria. Não tinha ideia nenhuma do que iria fazer quando isso acontecesse. Depois de semanas à procura de trabalho no Outer Banks, cheguei à conclusão de que entre os danos do furacão e a época baixa não havia ninguém a contratar e, mesmo que houvesse, uma mulher sem referências e sem histórico para apresentar não era muito apelativa. O último emprego oficial que eu tivera fora a montar os cavalos de exibição de Trammel Clarke, e isso tinha sido antes de um deles prender a pata no topo de um obstáculo num concurso equestre de saltos e me ter arrastado com ele na queda. Uma cirurgia mal feita e uma longa recuperação tinham-me atirado para um poço escuro de onde ainda estava a tentar sair.

Agora, não importava o que custasse, eu tinha de continuar a seguir em frente. Ao longo dos anos, podia ter deixado a desejar no que tocava à

maternidade, mas sempre prometera a mim mesma que a Zoey e o J.T. não teriam o tipo de vida que eu e a minha irmã tivéramos. Eu ia encontrar uma forma de cuidar de nós e manter o Trammel fora das nossas vidas para sempre, nem que tivesse de esfregar as ruas com uma escova de dentes. Ele já fizera estragos suficientes.

Se o pior acontecesse, o Ross disse que podíamos ir morar para casa dele, assim que voltasse. Ele tinha uma casa de dois andares com anexo em Ocracoke, mas passava a maior parte do tempo nas casas em frente à praia que o seu pai tinha para arrendar. Quando não estava a fazer viagens de longo curso para entregar as encomendas da empresa de madeira da família, executava alguns trabalhos de reparação e manutenção nessas casas. Conhecer Ross no cais de Frisco fora uma das coisas boas que tinham acontecido desde que estávamos ali. Mas eu percebi que, de uma forma geral, Ross não gostava muito de crianças. Com tempo, a Zoey e o J.T. acabariam por o conquistar, mas eu sabia que era melhor não apressar as coisas.

Provavelmente, era esperar de mais que pudéssemos ficar no chalé de Iola até aparecer um trabalho, mas à medida que os dias passavam, eu ficava um pouco mais otimista.

Ao sétimo dia, quando ouvi as portas de um carro a fecharem-se, senti o machado a pairar sobre a minha cabeça outra vez.

Íamos acabar por ir para casa do Ross, quiséssemos ou não. Ele deveria voltar de uma viagem de longo curso esta noite. Eu teria de arrumar o que tínhamos no chalé e estar pronta quando os miúdos voltassem da ida à praia com um rapaz que a Zoey conhecera na escola.

A ansiedade atingiu-me como uma onda atinge a costa, arrastando-me para o mar em pedaços. Acima de tudo, queria engolir um *OxyContin* para a dominar. Mas quando deixámos o Texas a meio da noite, eu fiz uma promessa — nada de comprimidos nem Trammel Clarke. Até agora, tinha cumprido.

Saí do chalé com um grande sorriso e uma saudação, para não parecer tanto que estávamos a ocupar a casa de forma ilegal de propósito. Crescer na família que cresci, ensinou-me bastante sobre contar o género de história que poderia ocultar todo o tipo de verdades feias. As frases que eu passara a semana toda a magiciar apresentavam-se na minha cabeça. *Depois de ela ter falecido, pobrezinha, e de não ter tido notícias de ninguém, não sabia o que fazer. Não me agradava nada deixar a casa sem supervisão e não ter ninguém que tomasse conta do gato dela. Temos estado a tomar conta de tudo — a pôr comida e água. O gato entra e sai da casa, por isso deve haver uma portinhola algures, mas não a consegui encontrar. Na noite a seguir ao falecimento dela, eu*

estava preocupada porque o gato estava fechado lá dentro, mas, no dia seguinte, ele já estava no quintal outra vez. Achei que, de qualquer forma, devíamos tomar conta dele, pobrezinho. Espero que não se importe...

Eu ia mesmo sentir saudades deste lugar. Aninhado entre o imponente edifício vitoriano e a velha estrebaria que se estendia até ao parque de estacionamento da igreja Fairhope Fellowship, parecia protegido das coisas que nos perseguiriam, sendo as respetivas rotinas uma espécie de bálsamo nas feridas que ainda estavam a sangrar. Sentiria falta dos sons dos pescadores a prepararem os seus equipamentos na escuridão da madrugada e do ronco dos barcos a saírem da marina de Fairhope. Até sentiria falta dos sinos da igreja a marcarem as horas do dia, uma e outra vez.

Na estrada de acesso, um homem estava a descarregar um cortador de relva da parte de trás de uma carrinha cheia de equipamento de jardinagem, motosserras e escadotes. Parei no cimo dos degraus do alpendre, esticando-me para o lado para contornar as murtas e conseguir ver melhor. Ele parecia jovem, na casa dos vinte ou talvez mesmo adolescente. Trazia uns ténis cor de laranja e calções de banho com flores vermelhas, além de um corta-vento verde-lima com palmeiras e lagartos. Um chapéu de pesca mole lançava uma sombra sobre o seu rosto e escondia tudo menos as pontas encaracoladas do cabelo arruivado. De uma forma geral, parecia que tinha assaltado o armário de Jimmy Buffet e que se vestira no escuro.

Não parecia estar à procura de alguém em particular, e as minhas esperanças esvoaçaram na lama, levantando voo como uma ave do pântano. Talvez estivesse ali apenas para cortar a relva. Talvez nós estivéssemos a salvo por mais um dia.

Não fazia sentido dar a quem quer que fosse razões para fazer perguntas. Eu voltaria para dentro em bicos de pés e mantinha-me afastada das janelas até ele se ir embora...

— Boa-tarde. — O seu cumprimento parou-me quando eu estava a esticar a mão para abrir a porta. Estaquei a meio do caminho, uma invasora apanhada em flagrante.

Calma. Tem calma. Não pareças comprometida. Lembra-te da história sobre estares a tomar conta da casa e do gato.

Alisei a *t-shirt* que vestia sobre as calças de ganga velhas e esburacadas, que eu adorava, mas que Trammel teria visto com maus olhos, voltei-me lentamente e exibi um sorriso.

— Olá. Desculpe. Não queria atrapalhá-lo. Parece que tem trabalho para fazer.

Ele enxotou uma abelha-carpinteira para longe das suas ferramentas, o seu rosto continuando escondido pela sombra do chapéu de pesca salpicado de tinta.

— Acabei de cortar a relva da igreja. — Um gesto dos ombros indicou a Fairhope Fellowship, ali ao lado. Aproximou-se de mim com um corta-relvas nas mãos. — Já tinha o corta-relvas arrumado, e então reparei em como este sítio está com mau aspeto. Pensei em fazer um favor à igreja e cortar um pouco a relva. Parece que vou precisar de um cortador de feno e de uma en-fardadeira, não de um cortador de relva.

Ri-me, ainda a tentar ser discreta, mas amigável.

— Tem chovido muito, ultimamente.

Desde que ali chegáramos, o quintal parecia um pântano a maior parte do tempo. Quando nos mudámos, houve uma menção a um serviço de jardinagem, mas com toda aquela chuva, ninguém aparecera. No entanto, este tipo não parecia trabalhar para uma firma de jardinagem. Esperava que ele não me apresentasse a conta depois de acabar o trabalho.

Ele dissera algo sobre isto ser um favor, não dissera? Por que motivo estava a fazer um favor à igreja ao cortar a relva do quintal da Iola? Só porque a relva crescida na casa ao lado tinha mau aspeto? Ou agora a igreja estava a tomar conta da casa?

Ele aproximou-se mais, e eu senti-me obrigada a descer os degraus do alpendre. Parámos, um de cada lado, da estrada de acesso de conchas de ostras. Ao perto, ele parecia mais velho do que a roupa horripelantemente mal combinada o fazia parecer. Algures na casa dos trinta, talvez perto dos quarenta. As profundas linhas de riso em redor dos seus olhos castanho-caramelo davam a impressão de que sorria muito, mas algo nele, talvez o cabelo arruivado, recordava-me um espertinho que me fizera a vida num inferno no meu primeiro ano num liceu perto da minha terceira casa de acolhimento em sete meses.

— Está alojada no *bungalow*? — A sua pergunta parecia bastante casual.

Bungalow... Que palavra tão engraçada para o descrever. Por uma razão qualquer, lembrei-me das repetições da *Ilha da Fantasia*.

— Sim. Arrendei-o por pouco tempo. — Um rubor subiu-me pelo pescoço. Esperava que ele não o conseguisse ver na sombra do pinheiro frondoso. Quando acabasse de cortar a relva, iria ele confirmar com alguém se eu devia estar no chalé de Iola?

Ele acenou com a cabeça como se a minha explicação fizesse sentido, e ficámos parados num silêncio confrangedor durante um momento antes de

ele mudar a posição do corta-relvas para me poder apertar a mão. Limpou a palma aos calções antes de a estender.

— Paul Chastain.

— Tandi Reese.

— Foi triste o que aconteceu à Menina Poole — comentou ele após as apresentações.

Era a primeira pessoa que eu ouvia mencionar a Iola em dias. Quase começava a sentir que a morte dela não era real.

— Conhecia-a?

Ele abanou a cabeça e olhou para a casa com os olhos semicerrados.

— A minha mãe era de Fairhope, mas eu nunca passei muito tempo aqui, a não ser quando visitava os meus avós durante as férias. Não conheço muito bem os residentes mais antigos. Contudo, ouvi dizer que ela deixou esta casa à igreja. Isso é incrível.

O meu maxilar retesou-se quando me lembrei do que o delegado dissera sobre as senhoras da igreja e Iola. Desde essa altura que observava a Fairhope Fellowship. A velha capela branca com o seu campanário estilo farol fazia um belo negócio com noivas que procuravam um local singular para tirar fotografias, e turistas em busca de um lugar pitoresco para assistir à missa matinal de domingo. A julgar pelo número de carros de gama alta que iam e vinham, não estava necessitada de dinheiro. Além disso, eu não vira uma única pessoa da igreja a chegar-se à porta de Iola. Não conseguia imaginar por que razão ela deixaria o que quer que fosse àquelas pessoas.

— Vou deixá-lo trabalhar. — Voltei-me e comecei a dirigir-me outra vez para casa antes que aquilo que estava a pensar me saísse da boca para fora. Quanto menos informação eu trocasse com Paul Chastain, melhor.

Em casa, tentei ler um romance de Tom Clancy que encontrara na estante, mas depois desisti e liguei a televisão para ver um episódio antigo de *A Minha Bela Génio*. Mas nada prende a atenção de uma consciência pesada durante muito tempo. A cada poucos minutos, espreitava pela janela a pensar o que é que ele andava a fazer lá fora, quanto tempo é que iria ficar, e se estaria a telefonar a alguém para falar sobre mim.

Quando finalmente o corta-relvas ficou silencioso, ouvi vozes lá fora. Duas pessoas. Homens. Os meus nervos retesaram-se, e a adrenalina disparou pelo meu corpo. Alguém estava a subir os degraus do alpendre, mas não era Paul Chastain. Paul estava de ténis. Parecia ter pés leves, nervosos e rápidos. Estes eram passos pesados, lentos e objetivos, de alguém que calçava botas.

Abri a porta e deparei-me com um homem atarracado, de meia-idade, com o punho no ar prestes a bater.

— Bem, que susto! Creio que acabou de me tirar um ano de vida, minha jovem! — Ele recuou alguns passos. O leve sotaque *cajun* surpreendeu-me.

— Ouvi-o chegar. — Fechei a porta e continuei a apertar a maçaneta com força enquanto ele se apresentava (irmão Joe Guilbeau) e me explicava que era o responsável pela música na igreja Fairhope Fellowship. Sorrii e disse que tinha gostado de ver os meus filhos algumas vezes no Bink's Market, o que não eram nada boas notícias. Eu dissera aos miúdos para ficarem perto de casa e para não contarem nada sobre nós às pessoas de Fairhope. Tínhamos ensaiado a história — mãe recém-divorciada, dois filhos, apenas à procura de um trabalho e de um novo lugar para estar. Nada interessante que alguém quisesse bisbilhotar.

Depois desta conversa, provavelmente não faria diferença o que as crianças tinham deixado escapar sobre nós. Assim que o irmão Joe Guilbeau acabasse a conversa de circunstância, o machado cairia e nós teríamos de seguir em frente, embora eu não fizesse ideia de como. Depois de uma semana à espera de que isto acontecesse, eu queria ir-me abaixo e chorar, contar a nossa história toda e suplicar por ajuda a este estranho. Mas não consegui. Não havia como saber em quem confiar. Além disso, aldrabar uma igreja era algo que a minha mãe e a minha irmã mais velha fariam. Eu não seria o projeto de caridade de alguém. Encontraria sozinha uma saída desta confusão.

— Sabe qual é a situação desta casa, creio? — A pergunta deslizou-lhe da boca de uma forma tão suave e com um som tão agradável que mal a ouvi. O seu sotaque fazia-me lembrar o velho Pat, que vivia perto da pequena quinta à beira-mar do meu avô na Carolina do Norte, perto de Wenona. Recordo-me, de quando era pequena, que a casa do avô era o único lugar onde as coisas eram calmas todos os dias, mas só passávamos lá uns bocadinhos — normalmente quando a minha mãe deixava o meu pai.

— Nós só estamos a arrendar a casa ao mês. — A minha voz tremeu, e eu engoli o que me pareceu um cato. — Tinha esperança de que pudéssemos ficar... um pouco mais... se for possível. Os miúdos e eu acabámos de nos mudar para a ilha, e eu tenho estado à procura de trabalho. Assim que conseguir alguma coisa, será mais fácil pensar em mudar-me.

O irmão Guilbeau olhou para o teto do alpendre em vez de para mim.

— A Alice Faye saiu da cidade à pressa quando a filha deu à luz prematuramente. A avó Jeane está a tomar conta da imobiliária, mas apenas para atender os telefones e tratar do correio. Elas estão muito ocupadas, por isso,

se tiver algum problema com o chalé, vá ter comigo ao meu gabinete, aqui ao lado. Vai levar algum tempo a tratar da papelada toda, mas a Iola tinha planeado deixar esta velha casa à igreja.

Eu assenti, os meus pensamentos correndo desenfreados. A senhora da imobiliária estava fora da cidade por causa de uma emergência familiar? Isso explicava por que motivo ninguém viera bater-me à porta por causa da renda em atraso.

— Certo... bem... eu informo-o se tivermos algum problema, obrigada.

Eu tinha esperança de que ele se fosse embora, mas continuava ali, a observar as vigas.

— Tem ali um pequeno vespeiro. É melhor usar um pouco de *spray* e tirá-lo dali. — Ele apontou para um vespeiro, que parecia feito de papel rendilhado, num dos cantos.

— É o que farei.

— Estaria interessada em fazer algumas limpezas na casa grande? Tirar de lá a comida e o lixo, passar uma vassoura no chão, pequenas tarefas como essas? Talvez pudéssemos descontar do valor da renda daqui?

Eu deveria ter ficado felicíssima, mas levei um momento a responder. Tinha a impressão de que o irmão Joe Guilbeau sabia muito mais sobre mim do que eu queria que ele soubesse. Perguntei a mim própria o que é que os meus filhos lhe teriam contado no Bink's. Isto assemelhava-se muito a uma esmola. Mas quando a escolha é entre alimentar os filhos ou vê-los passar fome, faz-se o que tem de se fazer.

— Claro. Posso estar interessada nisso.

Ele assentiu, com o sol a brilhar na sua cabeça grande e redonda, fazendo parecer que era mais desproporcionada do que realmente era.

— Amanhã às nove horas, passe no gabinete da igreja. Vamos ver se conseguimos arranjar alguma coisa. — Em seguida, ele saiu do alpendre, observando a casa de Iola enquanto atravessava o quintal.

Na estrada de acesso, Paul Chastain estava a carregar o corta-relvas para a sua carrinha. O irmão Guilbeau parou para o ajudar. Depois, os dois apertaram as mãos, e o irmão Guilbeau atravessou o campo diante do estábulo em ruínas, voltando para o parque de estacionamento da igreja.

A carrinha partia finalmente quando os miúdos chegaram à estrada de acesso no jipe descapotável todo artilhado que pertencia à nova paixão de Zoey. Paul Chastain apontou-lhes o dedo, creio que terá sido para lhes chamar a atenção de que tinham feito a curva demasiado depressa. O acompanhante de Zoey acenou de volta como se não tivesse percebido.

Do pouco que sabia dele até agora, Rowdy¹ Raines fazia jus ao seu nome. Era encorpado e cheio da gabarolice própria dos adolescentes do ensino secundário. Sendo a miúda nova na escola, Zoey estava entusiasmada por ele gostar dela. Ela tivera de deixar o namorado no Texas sem sequer se despedir dele. Agora que tinha feito amigos em Fairhope, eu esperava que ela percebesse que deixar Dallas sem dizer nada a ninguém era a nossa única opção. Se o Trammel tivesse sabido o que eu estava a planear, teria encontrado uma forma de me impedir.

As conchas das ostras rangeram por baixo dos pneus do jipe quando este se aproximou do nosso chalé. J.T. saltou para fora do carro assim que pôde, e Zoey seguiu-o, os seus chinelos a percorrerem rapidamente o cascalho feito de conchas. O Rowdy estava à espera dentro do carro, com o motor a trabalhar.

Os calções enormes de J.T. abanavam em redor das suas pernas magras enquanto ele se dirigia apressadamente para a porta da frente, o cabelo loiro liso a ondular.

— Divertiste-te? — perguntei, estendendo um braço para o parar. Ele esquivou-se e subiu os degraus do alpendre. — J.T., divertiste-te?

Quando finalmente parou, apertava com força a maçaneta da porta.

— Sim.

A habitual resposta monossilábica, com uma mescla do desinteresse dos nove anos.

— Brincaste com o irmão do Rowdy?

— Sim. — O nariz dele engelhou-se por baixo das sardas.

— Agradeceste ao Rowdy e ao irmão dele?

— Sim.

— Consegues dizer outra coisa além de *sim*? — Eu queria procurar fundo no íntimo de J.T. e encontrar aquele tagarela que costumava falar sobre ossadas de dinossauros e caracóis que descobria na terra do lado de fora do picadeiro, e sobre os animais do jardim zoológico que via na televisão e sobre como as minhocas se alimentavam. Hoje em dia, ele não dizia nada a não ser que tivesse de o fazer, e não fazia mais nada a não ser sentar-se em frente à televisão com os seus videojogos. De alguma forma, durante estes últimos anos, aprendera a tornar-se invisível, e eu nem sequer reparara. Entre tentar manter as coisas estáveis com o Trammel e a névoa dos comprimidos que começara a tomar depois do acidente, eu perdera muita coisa.

¹ Arruaceiro. (N. de T.)